

## A Origem do Mênstruo

Bernardo Guimarães

*De uma fábula inédita de Ovídio, achada nas escavações de Pompéia e vertida em latim vulgar por Simão de Nuntua.*

Stava Vênus gentil junto da fonte  
fazendo o seu pentelho,  
com todo o jeito, pra que não ferisse  
das cricas o aparelho.  
Tinha que dar o cu naquela noite  
ao grande pai Anquises,  
o qual, com ela, se não mente a fama,  
passou dias felizes...  
Rapava bem o cu, pois resolvia  
na mente altas idéias:  
— ia gerar naquela heróica foda  
o grande e pio Enéias.  
Mas a navalha tinha o fio rombo,  
e a deusa, que gemia,  
arrancava os pentelhos e, peidando,  
caretas mil fazia!  
Nesse entretanto, a ninfa Galatéia,  
acaso ali passava,  
e vendo a deusa assim tão agachada,  
julgou que ela cagava...  
Essa ninfeta travessa e petulante  
era de gênio mau,  
e por pregar um susto à mãe do Amor  
atira-lhe um calhau...  
Vênus se assusta. A Branca mão mimosa  
se agita alvoroçada,  
e no cono lhe prega (oh! caso horrendo!)  
tremenda navalhada.  
Da nacarada cona, em sutil fio,  
corre pupúrea veia,  
e nobre sangue do divino cono  
as águas purpureia...  
(É fama que quem bebe dessas águas  
jamais perde a tensão  
e é capaz de foder noites e dias,  
até no cu de um cão!)  
— "Ora porra" — gritou a deusa irada,  
e nisso o rosto volta...  
E a ninfa, que conter-se não podia,  
uma risada solta.  
A travessa menina mal pensava  
que, com tal brincadeira,  
ia ferir a mais mimosa parte  
da deusa regateira...  
— "Estou perdida!" - trêmula murmura  
a pobre Galatéia,  
vendo o sangue correr do rósco cono

da poderosa déia...  
Mas era tarde! A Cípria, furibunda,  
por um momento a encara,  
e, após instantes, com severo acento,  
nesse clamor dispara:  
"Vê! Que fizeste, desastrada ninfa,  
que crime cometeste!  
Que castigo há no céu, que punir possa  
um crime como este?!  
Assim, por mais de um mês inutilizas  
o vaso das delícias...  
E em que hei de gastar das longas noites  
as horas tão propícias?  
Ai! Um mês sem foder! Que atroz suplício...  
Em mísero abandono,  
que é que há de fazer, por tanto tempo,  
este faminto cono?...  
Ó Adonis! Ó Júpiter potentes!  
E tu, mavorte invito!  
E tu, Aquiles! Acudi de pronto  
da minha dor ao grito!  
Este vaso gentil que eu tencionava  
tornar bem fresco e limpo  
para recreio e divinal regalo  
dos deuses do Alto Olimpo.  
Vede seu triste estado, ó! Que esta vida  
em sangue já se esvai-me!  
Ó Deus, se desejais ter foda certa  
vingai-vos e vingai-me!  
Ó ninfa, o teu cono sempre atormente  
perpétuas comichões,  
e não aches quem jamais nele queira  
vazar os seus colhões...  
Em negra podridão imundos vermes  
roam-te sempre a crica  
e à vista dela sintam-se banzeira  
a mais valente pica!  
De eterno esquentamento flagelada,  
verta fétidos jorros,  
que causem tédio e nojo a todo mundo,  
até mesmo aos cachorros!"  
Ouviram estas palavras piedosas  
do Olimpo o Grão-Tonante,  
que em pívica ao sacana do Cupido  
comia nesse instante...  
Comovido no íntimo do peito,  
das lástimas que ouviu,  
manda ao menino que, de pronto, acuda  
à puta que o pariu...  
Ei-lo que, pronto, tange o veloz carro  
de concha alabastrina,  
que quatro aladas porras vão tirando  
na esfera cristalina

Cupido que as conhece e as rédeas bate  
da rápida quadriga,  
co'a voz ora as alenta, ora co'a ponta  
das setas as fustiga.  
Já desce aos bosques onde a mãe, aflita,  
em mísera agonia,  
com seu sangue divino o verde musgo  
de púrpura tingia...  
No carro a toma e num momento chega  
à olímpica morada,  
onde a turba dos deuses, reunida,  
a espera consternada!  
Já Mercúrio de emplastros se a aparelha  
para a venérea chaga,  
feliz porque naquele curativo  
espera certa a paga...  
Vulcano, vendo o estado da consorte,  
mil pragas vomitou...  
Marte arranca um suspiro que as abóbadas  
celestes abalou...  
Sorriu o furto a ciumenta Juno,  
lembrando o antigo pleito,  
e Palas, orgulhosa lá consigo,  
resmoneou: — "Bem-feito!"  
Coube a Apolo lavar dos roxos lírios  
o sangue que escorria,  
e de tesão terrível assaltado,  
conter-se mal podia!  
Mas, enquanto se faz o curativo,  
em seus divinos braços,  
Jove sustém a filha, acalentando-a  
com beijos e com abraços.  
Depois, subindo ao trono luminoso,  
com carrancudo aspeto,  
e erguendo a voz troante, fundamenta  
e lavra este DECRETO:  
— "Suspende, ó filha, os lamentos justos  
por tão atroz delito,  
que no tremendo Livro do Destino  
de há muito estava escrito.  
Desse ultraje feroz será vingado  
o teu divino cono,  
e as imprecações que fulminaste  
agora sanciono.  
Mas, inda é pouco: — a todas as mulheres  
estenda-se o castigo  
para expiar o crime que esta infame  
ousou para contigo...  
Para punir tão bárbaro atentado,  
toda humana crica,  
de hoje em diante, lá de tempo em tempo,  
escorra sangue em bica...  
E por memória eterna chore sempre

o cono da mulher,  
com lágrimas de sangue, o caso infando,  
enquanto mundo houver..."

Amém! Amém! com voz atroadora  
os deuses todos urram!

E os ecos das olímpicas abóbadas,  
Amém! Amém! Sussurram...

**FIM**